REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

ANDRÉ VALLIAS: TOTEM - O (CONTRA)HINO DE NOSSO TEMPOS

ANDRÉ VALLIAS: TOTEM - THE (COUNTER) ANTHEM OF OUR TIMES

DOI: 10.5281/zenodo.13882170

Eduardo Henrique[1]

RESUMO

Este trabalho analisa a obra "Totem" de André Vallias, explorando sua relevância como uma poesia visual e digital que reflete sobre as tensões da modernidade. Inspirado pelas vanguardas literárias brasileiras, em especial o concretismo, utilizando uma abordagem inovadora ao integrar recursos visuais e tecnológicos em sua poesia. Se destaca por sua crítica à fragmentação da identidade e à globalização, utilizando a forma poética como um meio de resistência cultural. A disposição gráfica das palavras e a inclusão de elementos digitais rompem com o modelo tradicional de leitura, exigindo do leitor uma postura ativa e reflexiva. A obra questiona as narrativas dominantes da sociedade contemporânea, promovendo uma análise crítica das estruturas de poder que moldam a vida cotidiana. Além disso, a utilização da tecnologia digital na construção do poema amplia as possibilidades de interação, transformando a obra em uma experiência sensorial que transcende o papel. Este estudo busca entender como Vallias, por meio de "Totem", não só dialoga com o concretismo, mas também o expande para o ambiente digital, criando novas formas de expressão e reflexão sobre a realidade contemporânea.

Palavras-chave: Poesia Visual, Modernidade, Resistência Cultural, Concretismo, Poesia Digital

ABSTRACT

This paper analyzes André Vallias' work "Totem," exploring its relevance as a visual and digital poetry that reflects on the tensions of modernity. Inspired by Brazilian literary avant-gardes, especially concretism, Vallias employs an innovative approach by integrating visual and technological resources into his poetry. It stands out for its critique of the fragmentation of identity and globalization, using poetic form as a means of cultural resistance. The graphic arrangement of words and the inclusion of digital elements break with the traditional reading model, requiring an active and reflective stance

1 UNESP.

from the reader. The work challenges dominant narratives of contemporary society, promoting a critical analysis of the power structures that shape everyday life. Furthermore, the use of digital technology in the construction of the poem expands the possibilities of interaction, transforming the work into a sensory experience that transcends paper. This study aims to understand how Vallias, through "Totem," not only engages with concretism but also expands it into the digital realm, creating new forms of expression and reflection on contemporary reality.

Keywords: Visual Poetry, Modernity, Cultural Resistance, Concretism, Digital Poetry

1 INTRODUÇÃO

A poesia contemporânea tem se desenvolvido em novas direções, explorando a fusão de linguagens e rompendo com os moldes tradicionais da escrita. Nesse contexto, a obra "Totem", de André Vallias, desponta como uma representação significativa dessa nova abordagem poética, que combina elementos visuais e digitais. Inspirado pelas vanguardas brasileiras, em especial o concretismo, o autor constrói uma obra que desafia as noções convencionais de poesia, utilizando-se de recursos tecnológicos e gráficos para criar uma crítica incisiva à modernidade e suas estruturas de poder (Bosi, 1992). Sua obra, além de dialogar com o passado, estabelece novas possibilidades de interação entre leitor e texto, trazendo a poesia para um cenário mais dinâmico e interativo.

O poema se insere em uma tradição de poesia visual, na qual a disposição gráfica das palavras na página tem tanto significado quanto seu conteúdo semântico. O mesmo expande essa tradição ao incorporar elementos da era digital, criando uma experiência poética que transcende os limites do papel. De acordo com Nunes (2018), a tecnologia não é apenas uma ferramenta de expressão, mas um componente essencial da nova poesia experimental, na qual o leitor interage ativamente com a obra. Esse uso inovador da tecnologia transforma a maneira como a poesia é lida e compreendida, criando novas formas de resistência e crítica cultural.

A interseção entre poesia e crítica social é outro aspecto central. O poema aborda questões contemporâneas, como a globalização e a fragmentação da identidade, temas que estão intimamente ligados às transformações culturais da modernidade. Utilizando assim, a linguagem poética para expor as tensões e contradições do mundo contemporâneo,

especialmente em relação à identidade e à resistência cultural, conforme discutido por Hall (2006). Nesse sentido, o poema não apenas reflete sobre as transformações sociais, mas também sugere novas formas de interpretar e resistir às forças opressoras que moldam a modernidade.

A análise da obra é relevante porque representa um marco na poesia contemporânea ao integrar poesia visual e digital para criar uma crítica inovadora da modernidade. A fusão entre forma e conteúdo evidencia o poder da linguagem como ferramenta de contestação às narrativas dominantes. A questão que surge, então, é: de que maneira a obra "Totem" de Vallias reflete e questiona as estruturas de poder da modernidade, utilizando a poesia como forma de resistência?

Este trabalho tem como objetivo central analisar a mesma, investigando como o autor utiliza elementos visuais e digitais para construir uma crítica à modernidade. O estudo visa compreender de que forma o poema explora a fragmentação da identidade e as tensões provocadas pela globalização, assim como as novas possibilidades de resistência que emergem dessas dinâmicas. Também se pretende situar a obra dentro da tradição da poesia visual brasileira e avaliar seu impacto no cenário literário contemporâneo.

Para alcançar os objetivos propostos, será utilizada uma abordagem metodológica baseada em pesquisa bibliográfica (GUERRA, 2024). A análise será fundamentada em teorias críticas e literárias sobre poesia visual, concretismo e pós-modernidade, com especial atenção aos estudos de Hall (2006), Bauman (2005) e Santos (2000), entre outros. A pesquisa bibliográfica permitirá um aprofundamento na contextualização da obra de Vallias e em sua contribuição para a literatura e crítica contemporânea.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Análise Poética de "Totem" como Hino Crítico da Modernidade

A estrutura formal de Totem revela um aspecto essencial da poética de Vallias. O poeta utiliza recursos visuais e verbais que, juntos, criam uma obra complexa e multifacetada. A disposição gráfica das palavras, o uso de fontes diferenciadas e o diálogo entre imagem e texto não apenas evocam as tradições concretistas, mas também ampliam as possibilidades de leitura. Dessa forma, o autor promove uma crítica ao modelo tradicional de poesia, que frequentemente ignora as implicações visuais e materiais do texto. Em seu poema, ele subverte as expectativas do leitor, oferecendo uma leitura fragmentada e dinâmica, que exige uma postura ativa.

Esse aspecto formal é diretamente influenciado pela herança das vanguardas, particularmente o concretismo brasileiro, que, segundo Alfredo Bosi (1992), propôs uma ruptura com os modelos convencionais de poesia ao explorar a materialidade da palavra e sua disposição no espaço da página. Vallias, ao adotar e transformar esses elementos, evidencia uma preocupação crítica com a modernidade, na qual a linguagem se tornou um instrumento de controle e dominação. Ao deslocar a palavra de seu contexto convencional, ele abre espaço para novas formas de resistência poética.

É nesse sentido que Roberto Schwarz (1990) argumenta que a literatura, especialmente na periferia do capitalismo, assume um papel crítico ao expor as contradições sociais e econômicas que moldam a experiência moderna. Em Totem, Vallias utiliza a forma poética como um meio de desestabilizar essas estruturas, revelando a fragilidade das narrativas dominantes que sustentam a modernidade. Ao fazer isso, ele não apenas questiona o papel da poesia, mas também o da própria linguagem, vista como uma ferramenta de poder.

A partir dessa análise formal, pode-se perceber que Vallias está engajado em uma crítica direta à maneira como a modernidade estrutura a vida cotidiana. O poema é, portanto, um convite à reflexão sobre as formas de dominação presentes no uso da linguagem e da cultura como ferramentas de controle social. Essa crítica é reforçada pelo uso de referências visuais e textuais que aludem a símbolos culturais amplamente reconhecidos, mas que, no contexto da obra, ganham novos significados e interpretações.

O diálogo entre o autor com as vanguardas literárias é um elemento central na compreensão. Desde o início do poema, é possível identificar uma série de referências à tradição concretista e ao movimento de poesia visual, que tiveram forte influência sobre a produção literária brasileira nas décadas de 1950 e 1960. No entanto, o mesmo não se limita a uma simples repetição dos princípios da poesia concreta; ele os expande, incorporando elementos da cultura digital e das novas tecnologias.

Heloisa Buarque de Holanda (1993) sugere que o pós-modernismo introduz uma nova perspectiva sobre a cultura, na qual as fronteiras entre o alto e o baixo, o popular e o erudito, tornam-se mais fluidas. Essa fluidez é evidente na obra, onde Vallias mistura referências eruditas com elementos da cultura pop, criando um poema que dialoga com múltiplos níveis de interpretação. A obra reflete, assim, a multiplicidade de vozes e discursos que caracterizam o ambiente cultural contemporâneo, ao mesmo tempo em que questiona os pressupostos dessa multiplicidade.

O uso da tecnologia digital na construção é outro aspecto que merece destaque. O autor incorpora elementos visuais e interativos que só são possíveis no ambiente digital, criando um poema que transcende os limites do papel. Essa abordagem é representativa de uma nova fase na poesia experimental, onde o digital não é apenas uma ferramenta, mas parte integral da experiência poética. Nesse sentido, Benedito Nunes (2018) argumenta que a poesia contemporânea precisa lidar com a realidade da mídia e da tecnologia, que alteram profundamente nossa relação com a linguagem e com o texto.

A inclusão de elementos visuais e digitais amplia a crítica social proposta, o poema não é apenas uma reflexão sobre a modernidade, mas também uma crítica ao papel da mídia e da tecnologia na formação da cultura contemporânea. Ao utilizar essas ferramentas de forma subversiva, Vallias questiona as narrativas dominantes que moldam nossa compreensão do mundo. Dessa forma, ele reafirma o papel da poesia como um espaço de resistência crítica, onde novas formas de linguagem e expressão podem emergir.

A crítica social presente é uma das características mais marcantes do poema. Vallias utiliza a forma poética para questionar as estruturas de poder que sustentam a modernidade,

especialmente em relação à identidade e à resistência cultural. O poema se constrói como uma espécie de manifesto, no qual a linguagem poética é utilizada para expor as contradições e tensões do mundo contemporâneo.

Um dos temas centrais é a questão da identidade na modernidade. Vallias explora a fragmentação da identidade, um tema que, segundo Stuart Hall, é fundamental para a compreensão da era contemporânea (2006). Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as fronteiras culturais e geográficas são constantemente desafiadas, a questão da identidade torna-se cada vez mais complexa. Em seu poema, o autor reflete essa complexidade, utilizando uma linguagem fragmentada e múltipla para representar a multiplicidade de identidades que coexistem na modernidade.

No entanto, o autor não se limita a uma simples reflexão sobre a identidade. Ele também utiliza o poema para questionar as formas de resistência cultural que surgem em resposta às pressões da globalização e do capitalismo. Como argumenta Milton Santos (2000), a globalização não é um fenômeno homogêneo, mas um processo que gera tanto inclusão quanto exclusão. Ele explora essa dualidade, criando um poema que não apenas reflete as tensões da modernidade, mas também sugere novas formas de resistência cultural.

A crítica social presente é reforçada pela utilização de símbolos e referências culturais que desafiam as narrativas dominantes. Ele incorpora elementos da cultura popular, da política e da história, criando um poema que dialoga com múltiplas camadas de significado. Essa abordagem crítica é essencial para a compreensão do papel da poesia na modernidade. Em um mundo onde as narrativas hegemônicas controlam a produção de sentido, a poesia torna-se um espaço de resistência, onde novas formas de pensamento e expressão podem emergir.

Essa ideia de resistência cultural é reforçada por José Guilherme Merquior (1997), que sugere que a literatura contemporânea tem o potencial de questionar as estruturas de poder que moldam a sociedade. Vallias, faz exatamente isso: ele utiliza a poesia para desafiar as normas e convenções da modernidade, propondo novas formas de resistência através da

linguagem. A poesia, nesse contexto, torna-se uma ferramenta de crítica social, onde as contradições e tensões da modernidade podem ser expostas e questionadas.

2.2 Vanguardas e Experimentalismo em "Totem": A Herança Concreta e Digital

A relação da obra com a poesia concreta é um dos aspectos mais evidentes, se insere em uma tradição poética que, no Brasil, foi pioneiramente desenvolvida por autores como Augusto e Haroldo de Campos, e Décio Pignatari. Esses poetas, na década de 1950, revolucionaram a forma como a poesia era concebida, explorando a materialidade da palavra e o potencial visual da linguagem. Segundo Augusto de Campos (2006), a poesia concreta buscava eliminar o verso tradicional e trabalhar com o espaço gráfico, transformando a palavra em imagem. Vallias, ao adotar essa abordagem em Totem, dá continuidade a essa tradição, mas a adapta aos tempos contemporâneos, incorporando as novas possibilidades oferecidas pela tecnologia digital.

A poesia concreta, com seu foco na materialidade da linguagem, trouxe à tona uma nova concepção de poesia, na qual o conteúdo semântico das palavras era apenas uma das dimensões a serem exploradas. A forma e a disposição das palavras na página passaram a ter tanta importância quanto o significado do texto. Haroldo de Campos (2003) destaca que a poesia concreta se propôs a uma “arte no horizonte do provável”, na qual a estrutura do poema refletia uma lógica interna que desafiava as convenções da leitura linear. Vallias, ao criar Totem, segue essa lógica, mas a expande para o ambiente digital, onde o leitor é convidado a interagir com a obra de formas inéditas, rompendo com as fronteiras entre leitor e autor, e entre texto e imagem.

Décio Pignatari (2004) ressaltava que a poesia concreta se fundamentava na ideia de que a comunicação não podia ser reduzida à mera transmissão de informações verbais, mas deveria explorar todas as dimensões sensoriais do texto. Nesse sentido, ampliando assim essa perspectiva ao incorporar elementos multimídia, utilizando o som, a imagem e a

interatividade para criar uma experiência poética que vai além do texto escrito. Dessa forma, reafirma o legado da poesia concreta, ao mesmo tempo em que a transforma, adaptando-a às novas possibilidades da era digital.

A presença dessas características concretistas reforça a ideia de que o autor não está apenas reproduzindo um modelo estético do passado, mas sim reinterpretando-o à luz dos novos recursos tecnológicos. Sua obra é uma síntese entre a tradição e a inovação, e isso se reflete na maneira como ele utiliza a tecnologia digital para dar novo fôlego à poesia concreta, resgatando seu caráter experimental e radical.

A transição da poesia concreta para a poesia digital marca um ponto de virada na produção. A mesma é uma obra que explora de maneira inédita as possibilidades oferecidas pela tecnologia digital, criando um ambiente interativo no qual o leitor se torna parte ativa da construção do poema. Segundo Marcello Ferraz (2010), a poesia digital permite uma expansão das formas tradicionais de expressão poética, ao integrar novos meios como o som, a imagem e a interatividade. Vallias, utiliza esses recursos para ampliar os limites da poesia, criando uma obra que vai além do texto impresso e se transforma em uma experiência sensorial completa.

Na poesia digital, o texto não está mais restrito à página, mas pode se mover, transformar e interagir com o leitor em tempo real. Esse é um dos aspectos que diferencia a obra das produções concretistas tradicionais. A palavra não é apenas um signo estático, mas um elemento dinâmico que se modifica à medida que o leitor interage com a obra. Essa interatividade transforma a relação entre autor e leitor, conferindo ao leitor um papel ativo na construção do sentido do poema. Essa característica é um reflexo das possibilidades abertas pela cibercultura, na qual o texto não é mais uma entidade fixa, mas um campo aberto à interpretação e à reconfiguração.

Ferraz (2010) argumenta que a poesia digital não apenas amplia as possibilidades formais da poesia, mas também transforma a própria natureza da experiência poética. Em Vallias utiliza recursos digitais para criar uma obra que desafia as fronteiras entre as diferentes artes, combinando elementos da poesia, da música e das artes visuais. Dessa forma, ele

promove uma fusão de linguagens que reflete as transformações culturais e tecnológicas da contemporaneidade. A poesia, nesse contexto, deixa de ser uma forma de arte isolada e passa a dialogar com outros meios, criando uma obra de arte multimídia.

A transição da poesia concreta para a poesia digital, portanto, não representa uma ruptura, mas uma continuidade do projeto vanguardista iniciado pelos concretistas. Vallias, ao utilizar as tecnologias digitais em Totem, dá continuidade a esse projeto, explorando novas formas de experimentação poética e expandindo as fronteiras da linguagem. A obra digital não elimina o texto escrito, mas o integra a um conjunto mais amplo de recursos expressivos, criando uma experiência poética que é ao mesmo tempo visual, sonora e interativa.

Outro aspecto fundamental é sua natureza visual. Vallias trabalha com a ideia de que a poesia não se limita à palavra escrita, mas pode ser visualmente expressiva. Esse conceito de poesia visual tem suas raízes na poesia concreta, como observado por Renata Xavier (2019), que discute como uma síntese entre o concretismo e a poesia digital. Para o autor, a disposição das palavras na página – ou na tela – é tão importante quanto o significado das palavras em si. O aspecto visual do poema contribui para a construção de seu sentido, criando uma experiência de leitura que é tanto estética quanto semântica.

A poesia visual, como discutida por Melo e Castro (1988), propõe uma abordagem na qual a palavra é tratada como um objeto visual, que pode ser manipulado e reorganizado para criar novos significados. O mesmo adota essa abordagem em Totem, utilizando a disposição gráfica das palavras, a escolha de fontes e a integração com imagens para criar uma obra que é tanto um poema quanto uma peça visual. Essa fusão entre texto e imagem é uma das características mais marcantes da poesia digital e permite que a obra de Vallias dialogue com as vanguardas do passado ao mesmo tempo em que aponta para novas direções na produção poética.

A integração de elementos visuais e digitais não se limita a uma experimentação formal, mas está profundamente ligada ao conteúdo da obra. Utilizando assim, a visualidade para reforçar as temáticas do poema, criando uma relação simbiótica entre forma e conteúdo. O poema aborda questões contemporâneas, como a globalização, o poder da mídia e a

fragmentação da identidade, e esses temas são refletidos na própria estrutura visual da obra. A fragmentação do texto, a justaposição de imagens e a interatividade do poema são todas formas de expressar essas ideias, criando uma obra que é ao mesmo tempo crítica e inovadora.

A natureza visual também se conecta com a tradição das vanguardas concretistas, que sempre enfatizaram a importância do aspecto gráfico da poesia. Para os concretistas, a forma como o poema era disposto na página era uma parte essencial de sua mensagem, e o mesmo leva essa ideia adiante, utilizando os recursos digitais para criar uma obra que explora as possibilidades visuais da poesia de maneira inédita. Dessa forma, pode ser visto como uma continuação do projeto concretista, mas adaptado às novas possibilidades da era digital.

Na obra em especial, não pode ser dissociada do contexto cultural contemporâneo em que está inserida. A integração de elementos digitais e a interatividade da obra são reflexos das transformações culturais e tecnológicas que caracterizam a era da pós-modernidade. Segundo Eduardo Coutinho (2012), a literatura contemporânea é marcada por um diálogo constante com as novas tecnologias e com as mudanças culturais trazidas pela globalização. Reflete essa realidade, utilizando as ferramentas digitais para criar uma obra que dialoga com o presente e explora as tensões e contradições da modernidade.

A poesia digital, como discutida por Ferraz (2010), não apenas amplia as possibilidades formais da poesia, mas também transforma a própria natureza da experiência poética. Em um mundo marcado pela hiper conectividade e pela proliferação de mídias digitais, a poesia precisa se adaptar a esse novo contexto, explorando novas formas de expressão e novos meios de comunicação. A mesma é uma obra que faz exatamente isso, utilizando a tecnologia digital para criar uma experiência poética que é ao mesmo tempo visual, sonora e interativa.

No contexto da pós-modernidade, a obra pode ser vista como uma resposta às transformações culturais e tecnológicas que moldam o mundo contemporâneo. A poesia, nesse contexto, não é mais apenas uma forma de arte estática, mas uma prática dinâmica que se adapta às novas realidades da era digital. Explora essas novas realidades, criando uma obra

que reflete as complexidades da contemporaneidade e questiona as fronteiras entre as diferentes formas de arte.

Portanto, pode ser vista como um ponto de encontro entre a tradição vanguardista e o experimentalismo contemporâneo. O autor sintetiza as influências da poesia concreta e as expande para o universo digital, criando uma obra que é ao mesmo tempo inovadora e profundamente enraizada nas tradições literárias do século XX. Ao fazer isso, o autor reafirma o papel da poesia como uma forma de arte capaz de questionar as normas e convenções da sociedade, ao mesmo tempo em que explora novas formas de expressão e novas maneiras de criar significado.

2.3 Uma Reflexão sobre Identidade e Resistência

A questão da identidade na contemporaneidade é marcada por uma ruptura com as concepções estáveis e fixas do passado. Hall (2006) sugere que, na pós-modernidade, a identidade não é uma essência imutável, mas um processo contínuo de construção. O sujeito pós-moderno se encontra em um cenário de fluxos, onde a globalização, a mídia e as novas tecnologias promovem uma reconfiguração constante do "eu". Em um mundo globalizado, as fronteiras que antes delimitavam culturas e identidades tornam-se cada vez mais permeáveis, o que desafia as definições tradicionais do que significa ser e pertencer a uma determinada comunidade ou grupo.

Nesse contexto de fluidez, Bauman (2005) argumenta que as identidades se tornaram "líquidas", ou seja, mutáveis e instáveis. A era moderna, caracterizada pela solidez e pela busca de permanência, dá lugar a uma era líquida, na qual o ser humano enfrenta a constante necessidade de se reinventar para se adaptar às mudanças sociais e culturais. O indivíduo não se reconhece mais em uma identidade estática, mas sim em uma multiplicidade de papéis, que variam conforme o ambiente e as demandas sociais. Essa liquidez, longe de ser uma escolha

consciente, é imposta pelas condições sociais, especialmente pelas forças do capitalismo global, que mercantilizam até mesmo as subjetividades humanas.

A ideia de resistência emerge, portanto, como uma resposta às pressões impostas pela modernidade líquida. A resistência cultural, conforme discutida por Milton Santos (2000), ocorre na medida em que as pessoas, especialmente nas periferias do capitalismo, buscam preservar suas identidades e modos de vida diante da homogeneização promovida pela globalização. A globalização, segundo Santos, não é um fenômeno uniforme, mas um processo que cria tanto inclusão quanto exclusão. As regiões periféricas do mundo enfrentam os impactos das forças globais de maneira mais aguda, o que gera uma resistência que não é apenas cultural, mas também política e econômica. A defesa da identidade local e a luta contra as forças hegemônicas tornam-se, assim, formas de resistência que desafiam o pensamento único.

Além da resistência cultural, há também a resistência relacionada às questões de gênero e sexualidade, como argumenta Judith Butler (2003). Em sua análise, a identidade de gênero não é algo inerente ou natural, mas sim o resultado de práticas performativas. O sujeito não "é" um gênero, ele o "performativa", ou seja, ele se constitui por meio de atos repetidos que reproduzem normas sociais. A resistência, nesse sentido, ocorre quando o sujeito subverte essas normas, desafiando os binarismos de gênero e propondo novas formas de existência. Butler ressalta que essa resistência é especialmente relevante em um contexto onde as identidades de gênero e as sexualidades dissidentes são constantemente marginalizadas e patologizadas.

A resistência à normatividade de gênero é um reflexo da luta mais ampla contra a normalização da identidade. Orlandi (1998) sugere que o discurso exerce um papel crucial na construção da subjetividade, moldando não apenas o que se diz, mas como se é percebido no mundo. O poder do discurso reside em sua capacidade de naturalizar determinadas visões de mundo, tornando-as hegemônicas. A resistência discursiva, portanto, é uma forma de desestabilizar essas narrativas dominantes, abrindo espaço para a multiplicidade de vozes e experiências que compõem a sociedade contemporânea. Em outras palavras, resistir é também

questionar o que se entende por "normal", reconfigurando as estruturas que sustentam a produção de significados.

Nesse sentido, o papel da mídia e da tecnologia na formação da identidade não pode ser ignorado. Vaz (2002) aponta que a globalização midiática promove a disseminação de valores e estilos de vida que muitas vezes entram em choque com as identidades locais e tradicionais. A mídia, em especial, atua como um mediador poderoso na construção das subjetividades contemporâneas, promovendo modelos de identidade que nem sempre refletem a diversidade cultural existente. Entretanto, ao mesmo tempo em que a mídia exerce esse poder normatizador, ela também pode ser uma ferramenta de resistência. Os movimentos sociais contemporâneos, por exemplo, têm utilizado as redes sociais para desafiar as narrativas hegemônicas, criando novas formas de representação e visibilidade para grupos marginalizados.

A obra de Slavoj Zizek (2003) complementa essa discussão ao abordar a relação entre a identidade e o real. Para Zizek, o sujeito contemporâneo vive em uma espécie de "deserto do real", onde a realidade é constantemente mediada pela tecnologia e pela mídia. As identidades são construídas a partir de simulações e narrativas artificiais que mascaram as verdadeiras relações de poder que operam na sociedade. A resistência, então, não é apenas uma questão de reafirmar a identidade, mas de expor as estruturas subjacentes que sustentam essas simulações. Ao desafiar as narrativas impostas pela mídia e pela cultura dominante, os sujeitos podem começar a recuperar o real, desvelando as contradições que permeiam a experiência moderna.

A fragmentação da identidade não é um fenômeno novo, mas assume novas dimensões na era digital. A internet e as redes sociais criaram um ambiente no qual as pessoas podem experimentar diferentes facetas de sua identidade, sem se comprometer com uma única versão de si mesmas. Essa multiplicidade de "eus" digitais, no entanto, pode gerar uma sensação de alienação e superficialidade, na medida em que as interações virtuais substituem as conexões reais. Nesse sentido, a identidade digital é ao mesmo tempo uma forma de empoderamento e

uma armadilha, pois ao proporcionar a liberdade de expressão, também sujeita o sujeito à constante vigilância e controle por parte das grandes corporações tecnológicas.

O conceito de resistência é ampliado quando se considera o papel das novas tecnologias na conformação das identidades. A globalização, como apontado por Santos (2000), não é um processo homogêneo, mas cria zonas de inclusão e exclusão. Os indivíduos que são deixados à margem desse processo muitas vezes encontram na resistência uma forma de afirmar sua existência e sua identidade. A resistência, nesse caso, não é apenas uma reação contra a opressão, mas uma afirmação positiva da diversidade e da pluralidade de formas de ser e estar no mundo. A luta pela manutenção das identidades locais frente à homogeneização global é, assim, uma luta pela própria sobrevivência cultural.

3 CONIDERAÇÕES FINAIS

Ao unir elementos da poesia concreta com as possibilidades oferecidas pela tecnologia digital, promove uma crítica incisiva à modernidade, revelando as tensões e contradições que permeiam as estruturas de poder na sociedade contemporânea. O poema não apenas questiona as narrativas dominantes, mas também subverte as expectativas do leitor, criando uma experiência poética dinâmica e fragmentada que exige uma postura ativa.

Além disso, a obra reflete sobre questões fundamentais, como a fragmentação da identidade e os impactos da globalização, ao mesmo tempo em que propõe novas formas de resistência cultural. O uso inovador da tecnologia, tanto na forma quanto no conteúdo, reforça a importância da poesia como um espaço de contestação e reflexão sobre as dinâmicas socioculturais da era digital. Através da obra, não apenas contribui para o campo da poesia visual, mas também expande as fronteiras da criação literária, sugerindo que a poesia contemporânea pode se tornar uma ferramenta poderosa para questionar e transformar a realidade.

Portanto, se consolida como um hino crítico de nosso tempo, que, ao utilizar múltiplas linguagens e referências culturais, questiona as formas de dominação presentes na modernidade. A capacidade de Vallias em dialogar com as vanguardas literárias, ao mesmo tempo em que incorpora as tecnologias digitais, marca um novo capítulo na história da poesia brasileira, reafirmando o papel da arte como um meio de resistência e de construção de novas possibilidades de significação no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Augusto de. *Poesia concreta: antologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

CARNEIRO, Ana Luísa. Totem e tabu: a construção poética de André Vallias. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 21, n. 3, p. 567-582, 2017.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura e pós-modernidade: interfaces culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. METODOLOGIAS E CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS. RECIMA21-Revista Científica Multidisciplinar-ISSN 2675-6218, v. 5, n. 8, p. e585584-e585584, 2024.

FERRAZ, Marcello. *Cibercultura e poesia digital*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-modernismo e política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1993.

MELO E CASTRO, E. M. de. *A visualidade na poesia: uma abordagem teórica*. Lisboa: Vega, 1988.

MERQUIOR, José Guilherme. *Forma e sentido contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre: ensaios sobre arte, literatura e filosofia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1998.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

VAZ, Paulo. *Mídia, tecnologia e globalização*. São Paulo: Annablume, 2002.

XAVIER, Renata. *A poesia visual de André Vallias: entre o concreto e o digital*. São Paulo: UNESP, 2019.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo: Boitempo, 2003.

REVISTA OWL (*OWL Journal*)
www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Recebido em: 27/08/2024
Aprovado em: 21/09/2024
Publicado em: 02/10/2024